

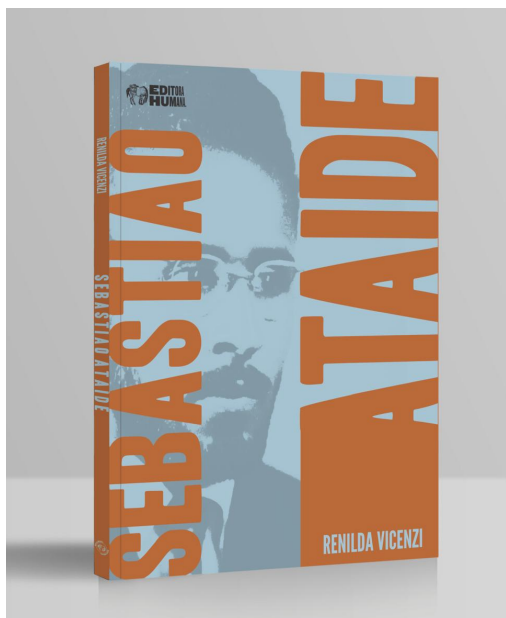


SEBASTIÃO ATAIDE: UM LEGADO DE RESISTÊNCIA

Camilla Casarin Pase¹

Referência do livro:

VICENZI, Renilda. **Sebastião Ataide**: presença, trajetória e protagonismo. 1 ed. Chapecó, SC: Editora Humana, 2023. 106 p.



A autora do livro, Renilda Vicenzi, é Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e especialista em Desenvolvimento e Integração da América Latina pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Desde 2012, atua como professora da graduação e da pós-graduação na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e foi

¹ Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - camillapasel@gmail.com



vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do campus de Chapecó da UFFS.

O livro integra a *Coleção Biografemas* coordenada pelo professor Ricardo Machado, Doutor em História e professor da UFFS. A proposta da coleção é dar visibilidade a intelectuais à margem do cânone artístico, literário e histórico ou acadêmico. Inspirada no conceito de “biografema”, do teórico Roland Barthes, a coleção apresenta relatos construídos a partir de fragmentos de vida, combinando pesquisa histórica com uma escrita sensível e pessoal. Segundo Machado, “biografemar é reconhecer na própria escrita a impossibilidade do todo, recusando a ilusão biográfica, escapando dos códigos e concepções lineares, causais, psicologistas, historicistas das formas biográficas” (p. 103, deste).

Na introdução, a autora diz que conheceu Sebastião Ataide quando realizava pesquisas entre 2010 e 2015 para sua tese de doutorado intitulada *Ser preto, pardo e branco na vila de Lages, 1776- 1850*. Entre documentos, fontes e referências da pesquisa de uma tese sobre escravidão e liberdade no planalto catarinense, no Museu Thiago de Castro, em Lages, a pesquisadora conta que se deparou com o livro *O Negro no Planalto Lageano*, de autoria de Sebastião Ataide e viu ali a oportunidade de reconhecer a importância de repercutir a voz e a luta de um dos primeiros escritores negros de Lages no século XX. Um gesto em favor da visibilidade histórica negra em Santa Catarina.

Nascido em 1923, na região da Coxilha Rica, em Lages (SC), Ataide foi professor, sociólogo, escritor e uma das principais lideranças negras do estado. Pioneiro nos estudos sobre a negritude no planalto catarinense, tornou-se o primeiro homem negro da região a obter o diploma de Ensino Médio como Normalista - um feito significativo considerando o contexto histórico de exclusão racial da época. Atuou também como membro e liderança do *Clube Cívico Cruz e Souza*, um espaço dedicado à valorização da cultura negra, coisa que se percebe logo na homenagem sumária a um dos maiores representantes da poesia simbolista brasileira, o poeta negro catarinense, autor de *Missal* e *Broquéis*. Em 1988, ano do centenário da abolição da escravatura, Sebastião Ataide publica *O Negro no Planalto Lageano*, monografia que reúne relatos e experiências da população negra da região, consolidando-se como um registro sociológico fundamental para a história do Sul do Brasil.

Ainda na introdução, a autora destaca o legado de Ataide, enfatizando sua resistência às barreiras impostas pelo racismo estrutural, especialmente no



campo da educação. Valendo-se da apresentação feita pelo próprio Ataide em seu livro, Renilda evidencia sua humildade, força de vontade e os obstáculos enfrentados por ele desde a infância, compondo um retrato sensível de alguém que lutou, com firmeza e dignidade, para preservar e valorizar a memória negra na região.

No primeiro capítulo, intitulado *Famílias*, Renilda Vicenzi relata os anos iniciais de vida de Sebastião Ataide, desde seu nascimento em 29 de julho de 1923. Nesse momento, já se evidenciava a marca do racismo estrutural: embora se soubesse quem era o pai de Sebastião Ataide, um homem branco, o registro da paternidade não foi assinalado na certidão de nascimento. Em criança, chegou a conviver com o pai por um período, mas nunca foi oficialmente reconhecido como filho.

A autora também destaca as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras naquele período, evidenciando as múltiplas opressões que limitavam sua autonomia: “O gênero, a classe e a cor/raça as acompanhavam, impondo obstáculos materiais e simbólicos que impediam a plena liberdade sobre seu corpo, seus filhos e seu trabalho” (p.18).

Além disso, outra prática comum na época era a de pressionar mulheres negras a “entregarem” seus filhos a pessoas brancas conhecidas da família. No caso específico de Sebastião Ataide, ele foi “entregue” ao tio paterno. Por ser também branco, o tio podia acessar espaços privilegiados às pessoas brancas, o que, de alguma forma, colaborou na criação do menino por mantê-lo próximo à proteção de uma família branca. Contudo, Sebastião Ataide nunca ocupou a mesma posição social que os filhos brancos de seus tios.

A autora destaca ainda a resiliência da mãe de Sebastião Ataide apresentada na luta pela sobrevivência em uma sociedade hierarquizada, na qual as mulheres negras eram usadas, marginalizadas e excluídas. Apesar das barreiras ao acesso à educação formal, a ausência da escola não significava ausência de conhecimentos. Segundo Vicenzi, essas mulheres acumulavam saberes práticos e ligados às suas vivências cotidianas, como realizar cálculos simples, costurar, conhecer as fases da lua, entre outros.

O livro inclui diversos registros fotográficos, algo raro em se tratando de arquivos de pessoas negras e pobres da época, mas possível no caso de Sebastião Ataide devido à sua convivência com uma família branca. Ele se casou com Neli Maria Alves de Lima e, desse casamento, teve nove filhos. A formação desta família numerosa e unida é interpretada como uma forma de



resistência, sobretudo em uma cidade com fronteiras raciais rígidas como a Lages de meados do século XX, onde era prática comum empurrar a população negra para áreas periféricas do centro urbano. Apesar disso, existiam importantes práticas de resistência, como a ocupação de espaços antes reservados a brancos e a organização do associativismo negro.

No segundo capítulo, intitulado *Percursos*, passamos a conhecer mais a fundo a trajetória de Sebastião Ataide, bem como as limitações por ele enfrentadas em sua formação, da infância à formação superior. Desde muito cedo, sua vida foi marcada por trabalhos domésticos; aos cinco anos, por exemplo, ele já trabalhava entregando leite na cidade e buscava os primos na escola. Durante esses momentos de espera, em frente à Escola Vidal Ramos, Ataide aprendeu a ler olhando pela janela as aulas da professora de alfabetização. Enquanto os demais alunos estavam em sala de aula, o menino utilizava os poucos momentos livres para estudar, o que demonstra sua capacidade de superação diante da profunda estratificação social e racial da época. Algum tempo depois das primeiras experiências de letramento, com todas as dificuldades impostas pelos muros e janelas da escola, Sebastião Ataide logrou entrar formalmente na escola e aprendeu a escrever. A escolarização, que no caso dele foi uma exceção em um contexto de racismo estrutural e exclusão social, não só lhe abriu portas, mas também redefiniu seu lugar no mundo. Ele se formou como normalista em 1947 e tornou-se professor numa época em que, geralmente, apenas mulheres lecionavam para as séries iniciais, o que evidencia outro aspecto da dimensão do seu feito. Por meio do seu diploma, Sebastião Ataide rompeu padrões que limitavam suas possibilidades de existir dignamente na sociedade, quebrou barreiras de raça, gênero e classe ao mesmo tempo. Para aquela época, ele era o único homem negro com diploma de segundo grau e formação profissional pedagógica em Lages. Além disso, trabalhou como funcionário público no 2º Batalhão Ferroviário/Rodoviário de Lages, de 1961 até o final dos anos 1980.

Outra característica notável na história de vida de Sebastião Ataide, conforme reflexão da autora, é a persistência nos estudos. Mesmo após uma trajetória de professor e funcionário público já consolidada em mais de vinte anos dedicados ao serviço público, aos 58 anos, iniciou o curso de Ciências Sociais e se formou em 1983, no mesmo ano em que uma de suas filhas também se formou em curso superior. Uma foto que registrou o momento de entrega dos diplomas é considerada pela autora como “uma evidência da



ascensão social negra por meio da escolarização” (p. 42). De fato, esse marco histórico merece ser valorizado, pois, naquele momento, pai e filha representavam duas gerações que se inseriram em espaços que, na época, eram quase exclusivamente reservados a pessoas brancas, como escolas, faculdades e empregos públicos, onde a presença negra era frequentemente dificultada, quando não abertamente impedida, tal como acontecera com Cruz e Souza.

O livro de Vicenzi convida a uma reflexão sobre como a educação formal e a valorização das histórias negras sempre foram campos de disputa no Brasil. O fato de que, apenas em 1996, a legislação brasileira ter determinado a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, revela como o processo de negação e silenciamento das trajetórias negras é recente e profundamente enraizado. A autora reforça a importância da memória coletiva e da produção intelectual negra como formas de resistência e exemplo para fundamentar a reparação histórica necessária à comunidade negra brasileira.

No subcapítulo “Escotismo”, a autora destaca as experiências marcantes na trajetória de Sebastião Ataide, como sua participação no escotismo por meio do Grupo Tupi, hoje conhecido como Grupo Escoteiro Lages 01/SC. Embora pareça um detalhe simples, tais experiências evidenciam mais um dos espaços ocupados por Ataide antes reservados exclusivamente a pessoas brancas.

Outro subcapítulo a se destacar é “O trabalho no Batalhão Rodoviário”, em que a autora recupera os impactos da chegada do 2º Batalhão em Lages, em 1934, que contribuíram significativamente nas vidas dos homens negros da região. O acesso à carteira assinada como soldado do Batalhão representava mais do que um emprego: era a conquista de direitos básicos, como estabilidade financeira, aposentadoria e perspectivas para o futuro da família. A autora destaca como pequenas mudanças nas estruturas sociais da cidade — como a possibilidade de homens negros conseguirem trabalho formal no exército — impulsionaram grandes avanços, tanto individuais quanto coletivos, alterando os destinos de uma população historicamente marginalizada. Em 1959, Sebastião Ataide foi aprovado em concurso público no batalhão e, mesmo após a aposentadoria, continuou a trabalhar voluntariamente no local, demonstrando seu compromisso genuíno com o trabalho voluntário e com a proteção da comunidade (p. 47).



Intitulado *O escritor-intelectual Sebastião Ataide: O negro no Planalto Lageano*, o terceiro capítulo do livro de Vicenzi, é dedicado ao estudo da autoria de Sebastião Ataide. O livro de Ataide é dividido em várias partes, discutidas de forma geral pela autora. São destacados assuntos como a sociedade escravista e a presença do negro e do escravizado nas fazendas, os homens livres no período pós-abolição, entre outros. Na apresentação do livro pela autora, o leitor conhece personalidades do entorno de Ataide, estórias, contos e uma árvore genealógica de sua família. Sem seguir uma ordem cronológica rígida, o livro de Sebastião Ataide gira em torno de uma reflexão sobre a história da população negra no Planalto Lageano, questionando seu apagamento pelas elites brancas e valorizando sua contribuição para a formação social e cultural da região. Além disso, o livro resgata as memórias das famílias negras em Lages, colocando-as como protagonistas de suas próprias histórias e da história regional. Sebastião Ataide assume uma posição como sujeito que se faz presente como autoridade, com suas experiências pessoais e profissionais. A autora destaca: “ele fala/escreve e tem autoridade sobre suas experiências subjetivas; não é um objeto descrito, é a força de um ato político de libertação individual e coletiva” (p.51). Mais que um simples livro, o biografema de Vicenzi é um instrumento de resistência que reescreve a história.

Nas considerações finais, a autora inclui textos dos próprios filhos de Sebastião Ataide, escritos especialmente para o livro. Esses depoimentos compartilham memórias e impressões sobre o pai, reforçando que sua trajetória não foi construída apenas por conquistas públicas, mas também pelo impacto que deixou nas pessoas ao seu redor. A partir desses relatos, conclui-se que Sebastião Ataide foi muito mais do que professor, servidor público ou escritor: foi um verdadeiro exemplo de resistência, dedicando sua vida à educação, à luta por dignidade e à preservação da memória negra em um país que insiste em apagar essas histórias.

Os relatos mostram que Sebastião Ataide, além de ser um pai amoroso, sempre tratou todos com igualdade e respeito no seu trabalho como professor, sem fazer distinção de raça, classe ou origem. Seu compromisso como servidor público e sua dedicação à escrita mostram que ele entendia o quanto era importante conquistar espaços e enfrentar as barreiras impostas pelo racismo. O livro de Renilda Vicenzi termina mostrando que Sebastião Ataide foi um verdadeiro exemplo de transformação, tanto na sua comunidade, onde



superou barreiras sociais e abriu caminhos para outras pessoas negras buscarem espaços de visibilidade em Lages, quanto na forma como a sua história de vida como liderança política e intelectual nos convida a refletir sobre a histórica como um espaço de poder ao revelar a resistência da população negra em contraponto às narrativas tradicionais.

O livro de Renilda Vicenzi apresenta-se como uma leitura acessível e envolvente, que pode ser completada em poucas horas, mas que, apesar da aparente simplicidade que denota a linguagem clara e direta da autora, oferece uma reflexão profunda sobre temas essenciais, como o racismo estrutural, o apagamento histórico, a desigualdade de poder, a falta de reconhecimento e valorização cultural, a resistência da população negra e o papel transformador da educação, reflexões essas amparadas em referencial teórico de reconhecida competência nos estudos sobre memória, história e literatura negra que inclui, entre outros, Conceição Evaristo, Grada Kilomba e Achille Mbembe. Renilda Vicenzi, ao estudar a vida de Sebastião Ataíde, não só narra a trajetória de um homem negro que desafiou as barreiras sociais, mas também apresenta questões relativas ao racismo estrutural presente na sociedade lageana naquele período. A obra se torna um convite à reflexão sobre o racismo, a luta por dignidade e a importância de resgatar memórias apagadas. Ela nos desafia a repensar o passado e as formas cristalizadas como ainda lidamos com o racismo estrutural no presente.

Por fim, a leitura do livro *Sebastião Ataíde: presença, trajetória e protagonismo*, de Renilda Vicenzi, é recomendada a todos que desejam compreender melhor a história da população negra no Planalto Lageano e no sul do Brasil e refletir sobre temas como racismo estrutural, apagamento histórico, desigualdade social e resistência cultural.